

Eli Vagner Francisco Rodrigues

A metafísica dos Costumes de Schopenhauer e o quarto livro do Mundo como Vontade e Representação: Estudo comparativo.

USP

2023

1. Introdução

O presente projeto de pesquisa propõe um estudo crítico-comparativo entre a *Metafísica dos Costumes* de Arthur Schopenhauer e o quarto livro de sua obra capital, “O Mundo como Vontade e Representação”. Para tal, utilizaremos uma tradução recente da *Metaphysic der Sitten*, relizada pelo próprio pesquisador e que está, atualmente, em processo de edição pela Editora da Unesp.

Arthur Schopenhauer recebeu sua *vênia legendi* no ano de 1820 e lecionou na Universidade de Berlin nesse mesmo ano. Embora tenha continuado a anunciar suas aulas até o semestre de verão de 1822 e depois novamente no semestre de inverno de 1826 e 1827, até o semestre de inverno de 1831/1832, sua única atuação como professor universitário foi no verão de 1820. Esse dado biográfico, no entanto, não retira o valor das preleções que o filósofo preparou para o exercício acadêmico. Elaboradas de forma análoga a sua obra capital “O mundo como vontade e representação” as preleções versam sobre a Teoria de toda a Representação, Pensamento e Conhecimento; *Metafísica da Natureza*; *Metafísica do Belo* e *Metafísica dos Costumes*.

O que se percebe a partir da leitura das preleções é que as teses do autor sobre o conhecimento, a natureza, a estética e a ética são retomadas de maneira bastante fiel em relação ao texto de “O mundo como vontade e representação”. Em alguns casos, no entanto, o filósofo elabora suplementos e explicações adicionais ao que foi desenvolvido e explicado em sua obra principal. O que se pode concluir dessa adaptação para sala de aula é que Schopenhauer preparou o conteúdo das preleções didaticamente e de forma mais clara e acessível do que na obra principal, que, diga-se de passagem, já primava pela clareza e concatenação lógica.

A *Metafísica dos costumes* oferece ao leitor um panorama de tópicos que vão desde o rompimento com a perspectiva ética kantiana, a distinção entre o justo e o injusto, a questão da liberdade da vontade, a tematização da existência do sofrimento, a doutrina do direito e a questão da afirmação e negação da vontade de viver, até elementos de comparação entre algumas doutrinas religiosas e sua própria filosofia moral. Além disso, muitos fenômenos como remorso, tédio, paixão, crueldade, agonia de consciência, bondade, nobreza, amizade, choro e compaixão são descritos e explicados na quarta preleção.

Todos estes temas, tão diversos e complexos, são, no texto da preleção sobre a *metafísica dos costumes*, sempre balizados por uma proposição que permeia toda a obra e que é enfaticamente afirmada desde seu início, o “fato da consciência moral”: “Temos

uma consciência moral (*moralischen Bewustseyn*), uma consciência (*Gewissen*). Mas de forma alguma essa consciência moral assume a forma de um imperativo...”

Segundo Schopenhauer, a consciência moral se manifestará como um sentimento, como um peso na consciência (*Gewissensangst*), como uma angústia relativa a um ato de injustiça. A injustiça, por sua vez, é definida como uma ação que vai além da afirmação de seu próprio corpo e na qual a afirmação de sua própria vontade se torna a negação da vontade que aparece em outros indivíduos. Essa angústia da consciência, portanto, é um sentimento que atinge aquele que tem sua visão determinada totalmente pelo princípio de individuação e que age segundo o egoísmo, não enxergando no outro a mesma vontade que o anima. Para Schopenhauer a tarefa da metafísica dos costumes, entre outras, é explicar esse sentimento, é elevar esse “fato da consciência” a um conhecimento claro. O filósofo se propõe a explicar esse fenômeno sem elaborar nenhuma doutrina de deveres, sem impor uma ideia de dever incondicional.

O texto original

O texto usado como base para a tradução foi a nova edição das *Vorlesungen über Die Gesamte Philosophie 4. Teil: Metaphysic der Sitten* lançada pela editora Felix Meiner, em 2017.

A edição do quarto volume das preleções, publicadas pela editora Felix Meiner na Alemanha, contou com um trabalho de edição crítica coordenado por Daniel Schubbe e participação de William Massei jr., Judith Werntgen-Schmidt e Daniel Elon. Vale destacar o precioso trabalho desse grupo de pesquisadores que, através de um rigoroso trabalho de leitura dos manuscritos de Schopenhauer, disponíveis aos pesquisadores no Schopenhauer Archiv da Goethe Universität - Frankfurt am Main conseguiu resgatar com maior acuidade e precisão a versão mais fiel do espólio e do legado do filósofo de Frankfurt.

O objetivo central da nova edição crítica das preleções de Schopenhauer foi a de realizar uma nova transcrição dos manuscritos de Schopenhauer a fim de corrigir os problemas encontrados na tradição textual e restaurar a completude das referências da obra de Schopenhauer. Com base em uma nova transcrição dos manuscritos, a edição de Daniel Schubbe apresenta um texto recém-compilado e, em relação ao último estado de revisão da obra de Schopenhauer, mais completo, com base no qual as preleções podem ser trabalhadas a partir de uma leitura mais facilitada. Nesse sentido, um estudo comparativo entre o texto em questão, recém traduzido, e o texto estabelecido pela tradução do Prof. Jair Barbosa do Mundo como vontade e representação, constitui, a meu ver, um ganho inegável para a *Schopenhauer Forschung* brasileira.

A estrutura do manuscrito, organizado por Schopenhauer para suas preleções na Universidade de Berlin a partir de 1820 proporciona, por si só, um excelente roteiro para um estudo de sua ética, enfocando os problemas centrais e as passagens mais difíceis tanto do livro quarto do “O Mundo como vontade e representação” como dos complementos (segundo volume do “Mundo”) e dos textos de concurso reunidos na obra “Os dois problemas fundamentais da ética”. A estrutura citada dá ensejo à elaboração de um estudo pormenorizado dos problemas centrais da ética de Schopenhauer, o que deixa claro as escolhas dos títulos dos capítulos (*Cap. 1 - Sobre a filosofia prática em geral, Cap. 2 - Sobre nossa relação com a morte, Cap. 3 - Da liberdade da vontade, Cap. 4 - Do estado da vontade, no mundo da sua aparência: ou do sofrimento da existência, Cap. 5 - Da afirmação e da negação da vontade, Cap. 6 - Sobre a injustiça e o direito: ou doutrina filosófica do direito. Derivação do egoísmo, Cap. 7 - Da justiça eterna, Cap. 8 - Sobre o significado ético da ação ou sobre a essência da virtude e do vício, Cap. 9 - Da negação da vontade de viver: ou: Da renúncia e da santidade*).

A estrutura da preleção “Metafísica dos Costumes” como texto de exposição didática da ética de Schopenhauer.

A título de justificativa da escolha da obra que propomos para um estudo crítico-comparativo com o quarto capítulo do “Mundo”, indicamos a estrutura da Metafísica dos Costumes e a relevância dos temas nela abordados, bem como de indicação da contribuição que uma tradução do texto pode oferecer ao leitor de língua portuguesa. A opção de Schopenhauer nas preleções, uma vez que esse foi um texto utilizado em sala de aula e como um objetivo de leitura expositiva foi a de selecionar pontos fundamentais de sua ética, portanto, pontos relevantes para a compreensão de sua obra.

Estrutura da Metafísica dos Costumes:

Metaphysik der Sitten

Cap. 1. Ueber praktische Philosophie überhaupt.

(Sobre a filosofia prática em geral)

Cap. 2. Ueber unser Verhältniß zum Tode.

(Sobre nossa relação com a morte)

Cap. 3. Von der Freiheit des Willens.

(Da liberdade da vontade)

Cap. 4. Vom Zustande des Willens, in der Welt seiner Erscheinung: oder vom Leiden des Daseyns.

(Do estado da vontade, no mundo da sua aparência: ou do sofrimento da existência)

Cap. 5. Von der Bejahung des Willens zum Leben.

(Da afirmação e da negação da vontade)

Cap. 6. Vom Unrecht und Recht: oder philosophische Rechtslehre. Ableitung des Egoismus.

(Sobre a injustiça e o direito: ou doutrina filosófica do direito. Derivação do egoísmo)

Cap. 7. Von der ewigen Gerechtigkeit.

(Da justiça eterna)

Cap. 8. Von der ethischen Bedeutsamkeit des Handelns; oder: vom Wesen der Tugend und des Lasters.

(Sobre o significado ético da ação ou sobre a essência da virtude e do vício)

Cap. 9. Von der Verneinung des Willens zum Leben: oder: Von der Entsagung und Heiligkeit.

(Da negação da vontade de viver: ou: Da renúncia e da santidade)

Capítulo 1 Ueber praktische Philosophie überhaupt.

A estrutura da preleção sobre a Metafísica dos costumes indica sua característica didática e aponta para os temas centrais e decisivos da ética de Schopenhauer. Como os próprios títulos dos capítulos indicam, inicia-se com uma introdução aos problemas da filosofia prática tratando da relação entre os fatos da consciência moral, o caráter inteligível e a questão sobre se é possível se aprender a virtude. Nessa introdução Schopenhauer tenta esclarecer tópicos fundamentais da ética a partir das seguintes proposições:

Keine Pflichtenlehre. (nenhuma doutrina do dever.)

Oposição direta de Schopenhauer à ética kantiana já na abertura de sua preleção, evidenciando a natureza polêmica de sua proposta no campo da filosofia moral.

kein allgemeines Moralprincip; (Não há um princípio ético universal)

Mais um ataque ao projeto ético kantiano no sentido de uma universalização da ética baseada no imperativo categórico. A natureza formalista da ética será substituída por um princípio da experiência, o que, em termos kantianos, não pode chegar à universalização)

kein unbedingtes Sollen. (Tampouco um dever incondicionado).

No capítulo da obra “Sobre o Fundamento da Moral” denominado “Crítica ao fundamento dado à moral por Kant”, Schopenhauer acusa Kant de ter cometido uma “petição de princípio” na formulação do conceito de lei moral na “Fundamentação da

metafísica dos costumes”. A análise do conceito de lei moral é fundamental para Schopenhauer estabelecer o débito da ética kantiana em relação à teologia, mais precisamente ao decálogo mosaico. O significado originário de lei (*lex, nomos*), argumenta Schopenhauer, limita-se a lei civil, uma instituição que repousa no arbítrio humano. Um segundo significado é o sentido metafórico de lei da natureza. Ambos não se aplicam à filosofia moral. Uma lei na forma de um “tu deves” não pode ser legítima por si só. A introdução dos conceitos de “prescrição” e “dever” representam o grande defeito da ética de Kant, o *proton pseudos* de sua filosofia moral, uma inaceitável petição de princípio, que compromete toda a ética. O eudemonismo, banido como heteronomia, é sutilmente reintroduzido sob a forma de Soberano Bem. O fundamento para a admissão de uma razão prática seria a psicologia racional. Esta doutrina afirmava que a alma teria uma faculdade superior ou inferior de conhecimento e uma faculdade de desejar do mesmo tipo. Ela seria um *intellectus purus* ocupado apenas com representações espirituais, não sensíveis. A razão pura kantiana seria, então, segundo Schopenhauer, proveniente de uma reminiscência não consciente desta doutrina, base de considerações teológicas. Esta acusação leva Schopenhauer a examinar, também, o conceito de dever incondicionado, classificado como uma *contradictio in adjecto* (contradição em termos). Schopenhauer conclui que os erros lógicos cometidos por Kant foram provocados por pressupostos teológicos.

O posicionamento de Schopenhauer em sua preleção é francamente anti-kantiana no sentido de se opor a uma ética deontológica. Veremos, ao longo da tradução, como essa posição se justifica. A partir desse posicionamento inicial, Schopenhauer pode apresentar o que vai denominar como: *Absicht meiner Ethik* (propósito/intenção de minha ética) e, em seguida abrem-se os problemas, que segundo Schopenhauer são fundamentais para a ética, a saber, o problema de nossa relação com a morte (capítulo 2) e a questão sobre a liberdade (capítulo 3).

Capítulo 2 Ueber unser Verhältniß zum Tode.

No capítulo 2, Schopenhauer apresenta a vida como algo consubstancial à vontade, fundamento metafísico de seu sistema. Desse ponto de partida encara os problemas sobre a vida e morte e relação das plantas e animais com o princípio metafísico (*Wille/Vontade*) e o surgimento e extinção da consciência no processo biológico. A questão sobre nossa relação com a morte, que determinará boa parte do que se propõe teoricamente nas éticas deontológicas e quase todo o conteúdo do que se impõe nas éticas

de fundamento teológico, é fundamental para Schopenhauer para compreendermos o interesse dos homens sobre o aspecto prático da vida. Para Schopenhauer essa questão é relevante pois, a nossa concepção do que é e de como se dá o cessamento da vida, determina grande parte do que se faz em vida.

Para Schopenhauer, o nascimento e a morte pertencem à aparência da vontade, ou seja, à vida propriamente como fenômeno. Para a vida, a vontade é essencialmente um se apresentar em indivíduos que surgem e passam, como aparições fugazes na forma do tempo. Esse tempo do que o em si mesmo não conhece, mas deve se apresentar precisamente na forma acima mencionada a fim de objetivar sua essência real, para objetivar sua verdadeira essência. O nascimento e a morte pertencem à vida da mesma forma e vida e manter seu equilíbrio como condições recíprocas de um ao outro, pólos do fenômeno da vida.

Capítulo 3 Von der Freiheit des Willens.

Sobre o problema da liberdade da vontade, tema do terceiro capítulo da preleção foi, posteriormente, amplamente discutida e, segundo Schopenhauer resolvida do ponto de vista de uma explicação filosófica para o problema do *liberum arbitrium indifferentiae* em seu ensaio, já citado nesse projeto, “Sobre a liberdade da Vontade” (*Über die Freiheit des Willens*). Nesta preleção de 1820, Schopenhauer chama atenção e explica as motivações intuitivas e meditadas, explica sua doutrina do caráter adquirido e toca no problema da liberdade da vontade de negar a si mesma, ponto crucial de sua doutrina ética.

Schopenhauer defende que o ser humano quando faz o que julga querer, pois parece fazer o tempo todo apenas aquilo que quer, o faz, contudo, necessariamente. Essa aparente contradição é explicada tanto no escrito submetido ao concurso acadêmico de 1839 como nessas preleções de Berlin.

Aquilo que o homem faz é, de fato, aquilo que ele já é, aquilo que ele quer: pois, a partir daquilo que ele “É”, segue-se necessariamente tudo aquilo que ele a cada momento faz. Mas isso significa apenas que sua forma de atuação é a pura manifestação da essência que lhe é própria. Assim, o mesmo seria sentido por todo ser natural, mesmo pelo mais inferior de todos, se ele fosse capaz de sentir.

A liberdade, portanto, não fica suspensa na exposição de Schopenhauer, mas é apenas deslocada para fora, a saber, da região das ações isoladas, onde ela, como se pode provar, não pode ser encontrada, para uma região mais elevada, mas não tão facilmente acessível a nosso conhecimento. Isto é, ela é transcendental. E é esse afinal o sentido no qual Schopenhauer gostaria que aquele dito de Malebranche, *la liberté est un mystère*, fosse entendido, como ele próprio afirma ao final do escrito sobre a liberdade da vontade.

Capítulo 4 Vom Zustande des Willens, in der Welt seiner Erscheinung: oder vom Leiden des Daseyns.

Nesse capítulo Schopenhauer abre uma curiosa reflexão sobre o que ele vai denominar como uma natureza sem entendimento ou mesmo uma natureza inconsciente, e passa a refletir sobre sofrimento e satisfação desde o nível animal até o nível da racionalização dos sentimentos. O tópico *Das Leiden im Menschlichen Daseyn*, (O sofrimento na existência humana), aprofunda a reflexão ética e nos leva até os temas da negatividade de toda satisfação e da natureza do tédio, apontando para o sentido que o ascetismo assume em sua obra, antecipando o tema do capítulo 5, “Sobre a afirmação da vontade de viver” no qual Schopenhauer abordará entre outros, o tema da metafísica da sexualidade humana.

Este capítulo vai introduzir o problema do sofrimento humano, ponto central da ética de Schopenhauer. A questão sobre o ordenamento moral do mundo, isto é, a resposta à questão se de fato existe um sentido moral além do sentido físico para o mundo, só pode ser decidida a partir de um esclarecimento (justificativa, legitimação) do problema do sofrimento, pois, como vemos no § 63 de *O Mundo como vontade e representação*, surge a imagem do tribunal do mundo e a questão a respeito do valor da vida e do mundo deverá ser respondida a partir do problema do sofrimento.

Nesse tribunal, afirma Schopenhauer, “se alguém pudesse colocar toda a penúria/miséria (*Jammer*) do mundo em um prato da balança, e toda a culpa no outro, o fiel permaneceria no meio.” (Schopenhauer, 2005, pág. 450). A imagem do tribunal do mundo não deve chocar quem percorreu a metafísica do filósofo, pois nela está demonstrado que a vontade de vida se manifesta através dos indivíduos e que esses possuem caracteres que os levam a fazer aquilo querem e que o fazem necessariamente. Daquilo que o indivíduo é, segue-se necessariamente tudo aquilo que se faz (*operari sequitor esse*).

A negação de um *liberum arbitrium indifferentiae* situa o indivíduo no ser/fazer como dois lados da mesma moeda. Ele é o que vale pelo que faz e o faz necessariamente. Se o faz necessariamente, isto é, se por natureza age de forma a afirmar a vontade de viver, mesmo tendo conhecimento, é culpado pelo que é e pelo que, necessariamente, faz. Assim o delito é inato e a cada ação a condenação e a culpa se confirmam. A questão prossegue no parágrafo § 70 e adentra questões teológicas fundamentais para a aproximação filosofia-religião.

Recorri aqui aos dogmas da religião cristã (eles mesmos estranhos à filosofia) tão somente para mostrar que a ética oriunda de toda a nossa consideração...embora nova e surpreendente em sua expressão, de modo algum o é em sua essência; ao contrário, concorda totalmente com todos os dogmas cristãos, e no essencial já se achava nesse” (Schopenhauer, 2005, p. 515)

Constata-se, com a tese do tribunal do mundo, que o problema do sofrimento é fundamental para a economia interna do sistema. Ancorado nos fundamentos da metafísica da vontade universal Schopenhauer afirma que “O carrasco e a vítima são apenas um” (Schopenhauer, 2005, p. 515). Segundo essa concepção, a soma dos sofrimentos possíveis e dos males possíveis se equivaleriam. O mundo seria o seu próprio julgamento final, assim pode-se compreender por que tudo o que vive deve primeiro expiar a sua existência, primeiro pela vida (sofrimento), depois pela morte. Compreende-se, pelo que foi exposto até aqui, que Schopenhauer não irá inocentar nenhuma instância, nem ao mundo como vontade nem ao homem como objetivação mais perfeita da vontade, nem à divindade, no caso de um suposto teísmo. Na ideia de justiça eterna, a culpa e o castigo se equivalem e se identificam no sofrimento. A interpretação mais contundente, a meu ver, sobre este aspecto se fundamenta em uma leitura que vê a culpa como um conceito que atua como um fator de equilíbrio compensatório “dogmático” para o sofrimento e que lança mão desse artifício como a única forma de justificar a tese do ordenamento moral.

Capítulo 5 *Von der Bejahung des Willens zum Leben.*

Nesse capítulo podemos acompanhar como a reflexão ética de Schopenhauer chegou a alguns problemas e definições que anteciparam o desenvolvimento das teorias psicológicas posteriores, sobretudo algumas intuições de Freud sobre a relação entre a sexualidade e o inconsciente. A satisfação do instinto sexual seria, para o filósofo, a afirmação mais decisiva e forte do Vontade de viver, como tal também seria confirmada pelo fato de ser dada ao animal e também aos humanos é caracteriza-se como uma espécie de fim último, o objetivo mais elevado de sua vida. Seu primeiro esforçar-se seria a

autopreservação; mas assim que ele cuida disso, ele apenas se esforça por isso, a reprodução do sexo: assim, não pode fazer mais do que um ser puramente sensual: precisamente porque isso, o ser interior da natureza é a vontade de vida em si, a natureza dirige com todas as suas forças o homem, como o animal, para a reprodução. Uma vez que o indivíduo tenha servido isso, a natureza atingiu seu propósito com ele e agora é bastante indiferente a ele, já que cada um, como a própria vontade de vida, está interessado apenas na manutenção de espécie, o indivíduo não sendo nada para ela.

Capítulo 6 *Vom Unrecht und Recht: oder philosophische Rechtslehre. Ableitung des Egoismus.*

No sexto capítulo, intitulado: *Vom Unrecht und Recht: oder philosophische Rechtslehre. Ableitung des Egoismus.* (Sobre a injustiça e o direito: ou doutrina filosófica do direito. Derivação/dedução do egoísmo), Schopenhauer aborda um tema que é considerado, por alguns pesquisadores, um tópico não muito desenvolvido na obra do filósofo que é a teoria jurídica filosófica, ou filosofia do direito (doutrina do direito). A abordagem que Schopenhauer faz nesse escrito direcionado e preparado para aulas esclarece pontos sobre conceito de direito, justiça, injustiça, teoria do Estado, direito penal. As considerações sobre a justiça levada a efeito pela racionalidade e pela civilização, propriamente a justiça no âmbito humano, abrem, para o filósofo, a possibilidade de um retorno às questões metafísicas relacionadas com a ética que serão abordadas no sétimo capítulo.

O capítulo 7 *Von der ewigen Gerechtigkeit.* (Da Justiça Eterna)

O capítulo 7 introduz o tema da justiça eterna. As considerações de Schopenhauer nesse capítulo são, a meu ver, de extrema importância para a compreensão de problemas centrais da ética de Schopenhauer, inclusive de um tema central sobre o qual tenho me ocupado desde o doutorado, saber o problema da culpabilidade do vir a ser, da afirmação de uma culpa primordial representada na obra de Schopenhauer pela adesão que faz o filósofo ao dogma do pecado original da tradição cristã, como uma verdade alegórica reafirmada por sua filosofia. As considerações do capítulo 7, complementam os desenvolvimentos realizados por Schopenhauer no § 63 de sua obra capital “*O Mundo como Vontade e Representação*”, dedicado à “justiça eterna” (*ewige Gerechtigkeit*). Schopenhauer afirma nesse capítulo que, se pesarmos em uma balança dor e penúria veremos que elas são “equivalentes à culpa” dos seres que afirmam a vontade a todo instante em suas existências temporais enquanto fenômenos da vontade.

A introdução do irracionalismo na filosofia, efetuada por Schopenhauer, (vontade como essência do mundo), em contraste com a tradição filosófica ocidental que submete a vontade a uma racionalidade essencial, não afasta o filósofo da ideia da necessidade de um julgamento negativo do mundo.

A princípio poderia se pensar que a afirmação de uma essência irracional para o mundo levaria a suspensão do juízo condenatório. Pelo contrário, Schopenhauer nega a inocência do devir e aponta para uma via de redenção niilista. Esse desenvolvimento aponta para a oposição Schopenhauer-Nietzsche, que, em última instância, diz respeito à inocência e à culpa, isto é, à oposição entre uma tese que vê no devir uma inocência primordial e, portanto, pretende afirmar o vir a ser sem as matrizes metafísicas que encaminham ao apelo à transcendência e ao ascetismo e outra que vê na própria existência uma culpa a ser expiada. Para Schopenhauer a ordenação moral não pode ser negada, uma ordem e legitimação das coisas, só pode ocorrer, no entanto, através da expiação de uma culpa primordial e essencial. Essa questão, por si só, a meu ver, corresponde a uma das questões mais importantes no campo das concepções éticas, sobretudo no sentido de visões de mundo e posicionamentos diante do valor da existência, que, em última instância fundamentam as posições filosóficas relacionadas com otimismo e pessimismo metafísicos, afirmação e negação da vida e da vontade.

A ênfase ao capítulo 7 está relacionada com outro eixo temático de minhas pesquisas, mas, acredito, um aprofundamento dos temas tratados nesse capítulo beneficia pesquisadores que trabalham com os mais diversos temas que a filosofia de Schopenhauer desenvolve, sobretudo no campo da ética, pois nesse capítulo Schopenhauer tenta esclarecer, de maneira didática, o cerne de sua posição ética a partir de uma ideia de ordenamento moral do mundo. Para o filósofo, o mundo não pode ser explicado apenas pelo aspecto físico, é preciso que se explique o sentido moral do mundo, isto é, o mundo possui um sentido moral. A posição amoralista, segundo a qual só existe sentido físico para os fatos do mundo, para Schopenhauer deve ser rechaçada, o filósofo a considera como uma espécie de perversão da mentalidade filosófica, associando esta posição à imagem bíblica do Anticristo, epíteto que Nietzsche, em franca oposição ao posicionamento ético de Schopenhauer, adotará em seus textos tardios.

No capítulo 8 *Von der ethischen Bedeutsamkeit des Handelns; oder: vom Wesen der Tugend und des Lasters*, (Sobre o significado ético da ação ou sobre a essência da virtude e do vício).

Schopenhauer se debruça sobre questões fundamentais do âmbito da ética, como os conceitos de bem e mal, a caracterização da perversidade e da crueldade humana, mas também sobre a bondade e a magnanimidade, sobre o amor e a compaixão perfazendo um arco do egoísmo ao altruísmo/compassividade. Este capítulo representa, a meu ver, uma ampliação das discussões tanto sobre as virtudes quanto sobre as características negativas da personalidade humana, que encontramos no quarto capítulo do Mundo. Caracteriza-se, assim, como uma possibilidade de ampliação de nossa compreensão de um aspecto significativo da ética de Schopenhauer.

Capítulo 9 *Von der Verneinung des Willens zum Leben: oder: Von der Entsagung und Heiligkeit.* (Da negação da vontade de viver: ou: Da renúncia e da santidade.)

Na última parte do texto, capítulo 9, Schopenhauer esclarece suas posições em relação aos pontos que ele próprio considera como mais importantes de sua ética. Os temas em destaque nessa parte final da sua preleção são: *deuteros plous* (segundo caminho), a doutrina da redenção, o problema do suicídio, a relação da negação da vontade com a necessidade da motivação na decisão ética, algumas explicações sobre a verdade dos dogmas cristãos, observações sobre o conceito de nada e o significado da abolição do mundo na negação da vontade.

Vale ressaltar que os temas finais abordados por Schopenhauer, constituem pontos de intenso debate na história da recepção do pensamento do filósofo, o que se pode comprovar na fortuna crítica relativa aos temas de soteriologia, redenção, filosofia da religião e niilismo. Sobre este último tema (niilismo) o tópico “*Vom Nichts, bei aufgehobner Welt*” (do nada e do mundo abolido), esclarece sobre o estatuto do nada na filosofia de Schopenhauer e aponta para uma interpretação relativista em relação ao denominado niilismo schopenhaueriano, o que indica uma possível divergência à interpretação nietzscheana da obra de Schopenhauer, que determinou, de certa forma, as diretrizes do pensamento sobre o niilismo europeu no século XX, sobretudo a partir de Nietzsche e Heidegger.

A obra finaliza com uma última questão (*Eine Letzte Frage*), que pondera sobre o problema da cognoscibilidade do mundo negado pela vontade e da constituição daquele no qual a vontade se nega, uma vez que somos a própria constituição da vontade de viver.

O percurso afetado por Schopenhauer na *Vorlesung* e nas *Vorlesungen* como um todo (palestra/curso/preleções) sobre a “Metafísica dos costumes” constitui-se em um universo de esclarecimentos didáticos sobre seu sistema filosófico, além, deve-se também destacar esse aspecto, de constituir-se em obra filosófica de combate teórico ao hegelianismo da

época e à aspectos da filosofia kantiana que promoviam a união da teologia com a filosofia. Schopenhauer, na contramão dessa tendência de encarar a filosofia como *ancilla teologia*, com seu posicionamento ético, nega os fundamentos da ética kantiana e se opõe de maneira radical contra o projeto hegeliano. Nesse sentido, as aulas de Schopenhauer, levadas à público nos anos de 1822 representam, além de um excelente material de esclarecimento sobre seu sistema filosófico em suas questões mais polêmicas e difíceis, um documento filosófico de clara oposição em relação ao próprio *Zeitgeist* filosófico e político. Nesse contexto reinava o entusiasmo com os resultados da Revolução Francesa até então atribuídas ao trabalho da razão no seio do desenvolvimento histórico. Tais ideias foram amplamente promovidas pela filosofia e pela influência de Hegel a partir da cátedra da Universidade de Berlin. Rudiger Safranski, em sua biografia de Schopenhauer (*Schopenhauer und die wilden Jahre der Philosophie*) nos dá um a ideia do contexto político-cultural e filosófico.

Schopenhauer subestimava temerariamente a força do espírito de Hegel nesta sua tentativa inegável de tomar o touro pelos chifres. Ele foi efetivamente contratado, mas enquanto nas aulas ministradas por Hegel se acotovelavam mais de duzentos estudantes, não houve mais do que cinco alunos dedicados (*Beflissene*), durante este primeiro semestre, que se apresentaram para serem instruídos por Arthur sobre “a doutrina da essência do mundo” (*die Lehre vom Wesen der Welt*). Tampouco serviu muito pouco a Schopenhauer apresentar-se, logo na primeira hora de aula, como um “vingador” (*Rächer*), que chegara para libertar seus alunos das garras dos corruptores da filosofia pós-kantiana, encerrada em “paradoxos” e corrompida por uma “linguagem inculta e ininteligível”. 659 Seus alunos escutaram o mensageiro até o fim, mas faltava-lhes fé para aceitar a sua mensagem. O que as pessoas buscavam então era Hegel, contra quem, em primeiro lugar, se dirigia a autoproclamada fúria justiceira de Schopenhauer. Dentro das circunstâncias, o vingador Schopenhauer (que pretendia vingar a Kant) deve ter soado igual a um pregador camponês sectário que se arvorara a enfrentar a igreja poderosamente estabelecida e protegida do hegelianismo. Magro consolo foi para ele comprovar, durante uma pequena controvérsia sobre o conceito de “motivo” que ocorreu por ocasião de seu exame de habilitação para ocupar a cátedra a que se propunha — de fato, a única controvérsia que jamais ocorreu entre os dois — que ele conhecia melhor as “ciências naturais” do que o próprio Hegel. (SAFRANSKI, 2010, p. 465)

Embora o relato de Safranski destaque aspectos negativos da oposição de Schopenhauer ao espírito filosófico da época, é preciso notar que a crítica e a oposição de Schopenhauer ao entusiasmo pela razão e às crenças de destinação históricas que se gestavam nessa época foram amplamente criticadas no final do século XIX e início do século XX. É interessante notar que uma primeira crítica à filosofia da história de Hegel e mesmo de sua filosofia do direito virá à público com a luta de Marx contra o Estado monárquico prussiano em 1842, expresso em seu texto em favor da liberdade de imprensa e posteriormente com a Crítica da filosofia do direito de Hegel do próprio Marx. Não se pretende aqui interseccionar caminhos que não são exatamente congruentes em suas

origens e intencionalidades filosóficas e políticas, mas apontar que a obra de Schopenhauer em questão, e proposta para tradução, representa além de uma oposição teórica veemente ao hegelianismo, uma posição (oposição) pragmática, militante e de atuação histórica por parte de Schopenhauer em relação ao espírito filosófico de sua época, o que atestam inúmeras passagens de suas aulas.

Assim, tanto como documento histórico de posicionamento político-acadêmico, como material de estudo dirigido aos pesquisadores e especialistas na obra de Schopenhauer o estudo que propomos se mostra, a meu ver, de extrema relevância para comunidade de pesquisa brasileira, sobretudo por ser o texto da *Metafísica dos Costumes* um texto ainda inédito em língua portuguesa e que terá uma edição ainda no ano de 2023.

Schopenhauer finaliza seu texto da *Preleção sobre a Metafísica dos Costumes* com uma frase que, a meu ver, pode ser mais uma de suas provocações ao hegelianismo.

“O conhecimento em geral é de origem secundária, é acidental e externo: portanto, essa escuridão não é um ponto acidentalmente sombreado no meio da região da luz; mas o conhecimento é uma luz no meio da escuridão original sem limites na qual ele se perde. Portanto, quanto maior a luz, mais palpável se torna essa escuridão, porque ela toca a fronteira da escuridão em mais pontos; quero dizer, quanto mais inteligente é um homem, mais ele sente a escuridão que o cerca e é filosoficamente estimulado por ela. Por outro lado, o homem obtuso e ordinário não sabe de forma alguma de que escuridão se fala de fato: ele acha tudo bastante natural: portanto, sua necessidade não é de filosofia, mas apenas de dados históricos proporcionados pela história da filosofia. – (SCHOPENHAUER, *Metafísica dos Costumes*, tradução nossa, grifo nosso)

A referência final à história da Filosofia, pode ser uma alusão às preleções de Hegel sobre a História da Filosofia. Sabemos que Hegel lecionava, isto é, lia suas preleções no mesmo horário que Schopenhauer escolheu para suas aulas. Este dado quase anedótico, diria, deverá ser examinado durante a pesquisa, se, de fato as preleções de Hegel de 1820 forem as famosas preleções sobre a História da Filosofia, parece-nos que esta teria sido mais uma das provocações de Schopenhauer ao hegelianismo reinante na época.

OBJETIVOS:

O projeto de pesquisa tem como objetivo desenvolver um estudo crítico-comparativo entre a *Metafísica dos Costumes* de Arthur Schopenhauer e o quarto livro de sua obra capital, “O Mundo como Vontade e Representação”. Para tal, utilizaremos uma tradução

recente da *Metaphysic der Sitten*, realizada pelo próprio pesquisador e que está, atualmente, em processo de edição pela Editora da Unesp. A título de justificativa da escolha da obra que propomos para um estudo crítico-comparativo com o quarto capítulo do “Mundo”, indicamos a estrutura da Metafísica dos Costumes e a relevância dos temas nela abordados, bem como de indicação da contribuição que uma tradução do texto pode oferecer ao leitor de língua portuguesa. Como afirmamos acima, a opção de Schopenhauer nas preleções, uma vez que esse foi um texto utilizado em sala de aula e como um objetivo de leitura expositiva foi a de selecionar pontos fundamentais de sua ética, portanto, pontos relevantes para a compreensão de sua obra.

Como objetivo específico, o resultado final da pesquisa deverá ser publicado em artigos e em livro, além de proporcionar seminários acadêmicos e aulas na pós-graduação e na graduação.

2. Cronograma.

Tradução e estudo crítico comparativo com O mundo coo vontade e representação da Preleção (METAPHYSIK DER SITTEN) “ <i>Sobre a metafísica dos Costumes</i> ” de Arthur Schopenhauer - 1820 Universidade de Berlin.	2024		2025	
	JAN-MAR	ABR-JUN	JUL-SET	OUT-DEZ
Estudo e redação Capítulos 1 e 2, tradução e notas	X	X		
Estudo e redação Capítulos 3 e 4, tradução e notas	X	X		
Estudo e redação Capítulos 5 e 6, tradução e notas	X	X		
Estudo e redação Capítulos 7, tradução e notas	X	X		
Estudo e redação Capítulos 8 e 9, tradução e notas		X	X	
Apresentação dos resultados em seminários na pós-graduação			X	X
Apresentação dos resultados em seminários na pós-graduação				X
Publicação do texto final (Artigo ou livro)				X
Publicação do texto final (Artigo ou livro)				X

Referências

Bibliografia obras de Schopenhauer:

SCHOPENHAUER, A. Schopenhauer, Arthur. *Vorlesung über Die gesamte Philosophie oder die Lehre vom Wesen der Welt und dem menschlichen Geiste. 4 Teil Metaphysik der Sitten.* (Philosophische Bibliothek). Felix Meiner Verlag, 2017.

SCHOPENHAUER, A. *Philosophische Vorlesungen* [Preleções Filosóficas], publicado por Volker Spierling, 4 Volumes, München/Zürich, 1985 (*Serie Piper*), Quarto Volume: *Vorlesung: Metaphysik der Sitten* [Dissertação sobre a Metafísica dos Costumes]

_____. *Sämtliche Werke in fünf Bänden.* Org.: Wolfgang F. von Löhneysen. Suhrkamp: Stuttgart/Frankfurt am Mein, 1986.

_____. *Der Handschriftliche Nachlass.* Editados por Arthur Hübscher. 5 vols. Munique: Deutsche Taschenbuch Verlag, 1985.

_____. *Die Welt als Wille und Vorstellung.* In: *Sämtliche Werke.* Editadas e comentadas criticamente por Arthur Hübscher. Vols. 2 e 3. Wiesbaden: F. A. Brockhaus, 1972.

_____. *Preisschrift über Die Freiheit de Willens, Werke in fünf Bänden.* Nach den Ausgaben letzter Hand. Hrsg.vonL. Lütkehaus. Zürich: Haffmans Verlag, 1988 (1988•1989)

_____. *O Mundo Como Vontade e como Representação.* Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

_____. *O Mundo Como Vontade e como Representação,* Tomo II. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

_____. *Parerga und Paralipomena (PP), SW IV.* [Fragmentos sobre a História da Filosofia. Tradução, apresentação e notas de Maria Lúcia Cacciola. – São Paulo: Iluminuras, 2003].

_____. *Parerga und Paralipomena (PP), SW V* [Sobre a Religião, Sobre a Ética. Tradução de Flamarion C. Ramos. – São Paulo: Hedra, 2012b].

_____. *Parerga und Paralipomena (PP), SW IV.* [Fragmentos sobre a História da Filosofia. Tradução, apresentação e notas de Maria Lúcia Cacciola. – São Paulo: Iluminuras, 2003]

